

Nº 408 N-5 3375

Nº 1 FEV. 1973



CADERNOS

TEATRO OPERÁRIO



cena final da peça "O 18 JANEIRO 1934"





CADEFOROS

TEATRO OPERARIO

CD25A



O ACTOR E A VIDA

" Se o actor não quer ser nem um papagaio, nem um macaco de imitação, precisa de assimilar os conhecimentos da sua época sobre a vida social, participando na luta de classes. Para muita gente que põe a arte (uma vez resolvida a questão do dinheiro) nos pináculos da Lua, isto parecerá degradante. Mas a luta pelas decisões supremas que dizem respeito aos homens, trava-se na terra, (e não no céu) não fora das coisas, não na cabeça de cada um. Ninguém pode estar acima das classes, porque ninguém está acima dos homens. Querer ser imparcial em arte, quer dizer, muito simplesmente, que se está de acordo com o partido "que está no poder".

BERTOLT BRECHT

CD25A

QUEM SOMOS E O QUE QUEREMOS

Somos um grupo de trabalhadores na emigração que fazemos teatro, isto é, exercitamos a arte de contar uma história. O nosso teatro é produzido por todos nós.

O teatro é feito para ser representado.

Proporciona a enorme vantagem do publico estar em contacto directo com os actores e o desenrolar dos acontecimentos. Dado que no teatro a técnica de efeito facil tem pouco cabimento, a presença humana no palco é mais difficil mas quando conseguida, mais verdadeira e profunda.

Nas nossas peças, nós tomamos uma posição politica. Na realidade, todas as peças de teatro têm um conteúdo politico, e o seu desenrolar é uma constante tomada de posição perante a sociedade, perante a vida.

O conteúdo politico das nossas peças é evidente. Alguns acusarnos-ão de produzir "arte panfletaria". Effectivamente a nossa intenção é falar dos grandes problemas dos nossos dias, pôr a nu as contradições da sociedade burguesa e tomar posição perante elas, e a posição que tomamos é a posição da classe operaria. Por um lado, a burguesia, com toda a sua hipocrisia, crueldade e egoísmo. Por outro lado, o povo trabalhador, vítima da repressão e exploração ferozes que a burguesia lhe impõe pela violência. Por um lado os exploradores, por outro os explorados. Por um lado os vermes, procurando evitar a criação de um mundo novo sem vermes, por outro, aqueles que são suas vitimas e que inevitavelmente criarão esse mundo. Portanto nos tomamos posição ao lado do povo trabalhador. Não fazemos teatro de denúncia, não queremos só dizer que há muitas coisas mas, dizemos que é possível e inevitavel acabar com elas. Não criticamos, destruimos, para criar. Portanto o nosso teatro é "panfletario" na medida que a sua finalidade é a agitação e propaganda no seio das massas trabalhadoras. Mas somos muito cuidadosos com os nossos "panfletos",

isto é, exigentes. O nosso "panfleto" tem de ser de boa qualidade na sua forma e conteúdo. Mao Tsé-Tung, Presidente do Partido Comunista da China, ensina-nos: " O que exigimos é uma unidade da política e da arte, do conteúdo e da forma, do conteúdo político revolucionário e de um grau de perfeição da forma artística o mais alto possível. As obras de arte que não tem qualidade artística não têm força, por mais progressistas que sejam politicamente".

Outros, vão-nos acusar (acusam-nos) de aventureiros, querer ir muito à frente, que as massas estão atrasadas, não percebem, etc. Estes últimos, são oportunistas de um tipo diferente. Para esconder o seu desprezo pelas massas, inventam tais argumentos. A nossa experiência diz-nos bem o contrário. As massas exploradas e oprimidas amam ouvir falar de socialismo e liberdade. Só quem fecha os olhos para não ver, ou nunca os abriu é que tal pode afirmar. Na verdade, basta lançar um olhar atento para o público espectador composto pelas tais "massas atrasadas" e vemos a sua reacção, o seu odio de classe perante a besta burguesa e a sua alegria e aderência às vitórias dos seus irmãos de classe, o povo trabalhador.

O nosso teatro não pretende agradar a toda a gente. Expomos situações, extraídas da realidade e um dos nossos grandes objectivos é que o publico tome posição perante elas. Se trabalharmos correctamente dentro dos nossos princípios, o povo trabalhador presente, tomará a sua posição de classe, e mais ainda, o teatro poderá ser um ótimo meio de não mais acreditar na fatalidade divina e despertar para a luta. A conquista do poder por parte do povo trabalhador, com o proletariado à cabeça e dirigido pela sua vanguarda, pelos seus melhores filhos, não é mais um pecado nem um sonho, mas uma realidade à vista.

TEATRO OPERÁRIO

O NOSSO METODO DE TRABALHO

Exceptuando o seu período inicial (em que se montou uma peça de um autor estrangeiro — "Historias para serem contadas", o Teatro Operário decidiu construir e elaborar a totalidade dos seus espectáculos, orientando-se assim para a pratica da criação colectiva. A primeira peça que resultou desse estilo de trabalho chama-se "18 de Janeiro de 1934". Expliquemos as causas da sua montagem, e as dificuldades com que o grupo deparou.

A data e as suas lições

Uma das grandes bases em que assenta a força ideológica da burguesia, e o ensino e a educação que é ministrada as classes trabalhadoras: entre essa educação, o ensino de uma História de Portugal que sirva os interesses da burguesia no poder, uma História feita de reis, nobres e princesas apaixonadas e de bom coração, uma História de "heróis" ao serviço da rapina e do crime nas terras de África, Asia ou America Latina, uma História onde o povo não aparece senão para morrer ao serviço de que o explora. Daí que fosse importante, se houvesse folgo e tempo para isso, demistificar toda essa História que se ensina nas escolas e mostrar outra História, a verdadeira, a História das massas trabalhadoras, dos homens que criaram e produziram tudo o que existe ao cimo da Terra.

A nossa tentativa orientou-se nesse sentido divulgando uma data histórica para o proletariado português, o dia 18 de Janeiro de 1934. Nesse dia, poucos anos depois da chegada de Salazar ao poder, enquanto no Mundo inteiro o capitalismo atravessa uma das suas mais graves crises, o fascismo avança a passos largos e o movimento revolucionario e progressivamente aniquilado e manietado, os operarios da Marinha Grande, correspondendo a palavra de ordem de reagir contra a fascização dos sindicatos,

organizam-se e tomam o poder na sua vila, prendendo a Guarda Republicana e o chefe dos Correios.

Esta data riquíssima de ensinamentos, é quase totalmente desconhecida pelo povo português; efectivamente, esse dia, foi cuidadosamente escondido não só pela burguesia no poder, como pelo próprio partido "comunista" português. Este partido, infiltração da ideologia burguesa no seio do proletariado, renega estas e outras datas da luta das massas trabalhadoras, e apela para comemorações no dia 1 de Dezembro, 5 de Outubro, etc...

Para os revolucionários, os acontecimentos da Marinha Grande fornecem as seguintes lições: por um lado, provou-se que o proletariado pode tomar o poder, e que esse poder se conquista com as armas na mão; por outro lado, a facilidade com que a repressão esmagou a revolta indica claramente que a insurreição é um acto que exige planificação da luta em bases realistas: ligação profunda com as massas, luta prolongada, existência de aparelho político coordenador e dirigente de todo o processo.

Dificuldades e plano do trabalho

Para tratar este tema, era necessário evitar:

- 1- Visão triunfalista de elogio cego à revolta, não dando margem a nenhuma reflexão por parte do público;
- 2- Visão pessimista e derrotista, condenando abstractamente esses acontecimentos como uma anarquizada, um acto puro de espontaneidade;
- 3- Que o inevitável fim da peça — a repressão selvagem sobre o povo indefeso se transformasse com todo o seu peso e realidade histórica, num factor que desmoralisasse o público, conduzindo-o ao derrotismo, as tradicionais posições de "não há nada a fazer", quando o povo se revolta e massacrado".

Na medida em que se tratava de fazer uma peça sobre um facto histórico, o primeiro trabalho do grupo foi a organização da recolha de documentos da época (relatório de militantes que tinham participado na revolta, textos oficiais do Governo, discursos de Salazar, etc.). Depois da análise e estudo de todo esse material, passou-se à "fabricação" da peça: o grupo subdividiu-se em pequenas equipas; ficando cada uma encarregada pela apresentação de um texto referente a cenas previamente discutidas e seleccionadas.

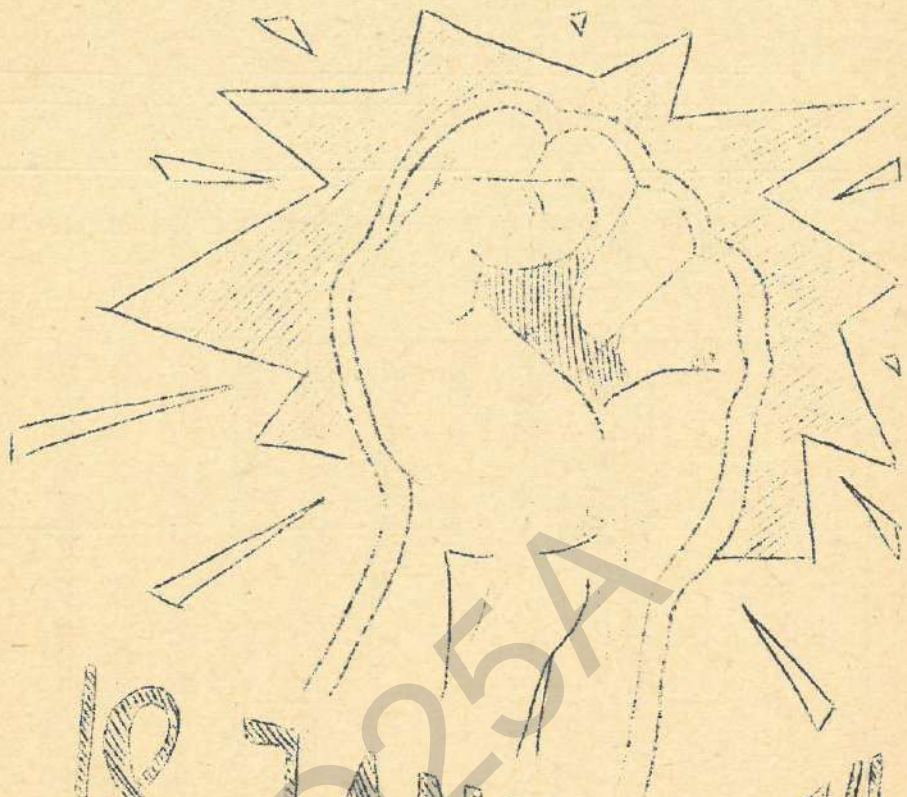
Este trabalho de "dramaturgos" era acompanhado e corrigido pelos ensaios; essa pratica permitia que se definissem melhor as situações e os personagens. A título de exemplo, foi através dos ensaios que o grupo compreendeu que era necessário demarcar melhor o povo e as vanguardas revolucionarias que participaram na revolta, mostrar a existência de contradições no seio do povo, etc. — quadros do homem e mulher, inauguração dos sindicatos, comité revolucionário.

A Representação

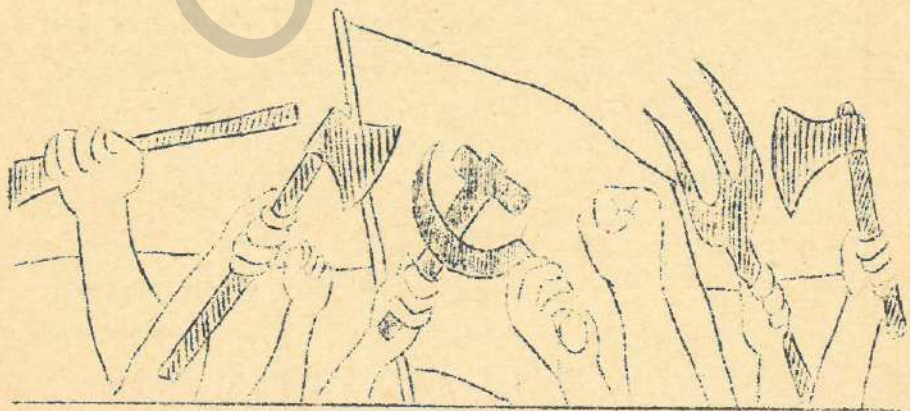
A maior preocupação do grupo consistiu em evitar os efeitos de ilusão, em ceder à fascinação da procura formal em detrimento do texto. O elemento fundamental é o actor com a voz, o gesto e a mimica, auxiliado por adereços e objectos simples e rudimentares.

Não ha movimentos nem marcações gratuitas, tentou-se que todos os elementos do espectáculo tivessem um significado e uma utilidade precisa e concreta. A título de exemplo, a infiltração no meio do publico, pelos actores, depois da tomada da Marinha Grande. Esse movimento destinava-se a colocar a assistência no lugar que em 1934 tinha sido ocupado pela população da Marinha, mera espectadora da acção da vanguarda revolucionaria, mas aderente depois da vitoria, e por isso, objecto tambem da feroz repressão do fascismo. Uma nota final: nem o texto nem a encenação estão definitivamente "acabados". Todos os espectaculos trazem lições novas e obrigam a modificarmos o que julgavamos ser definitivo.

CD25A

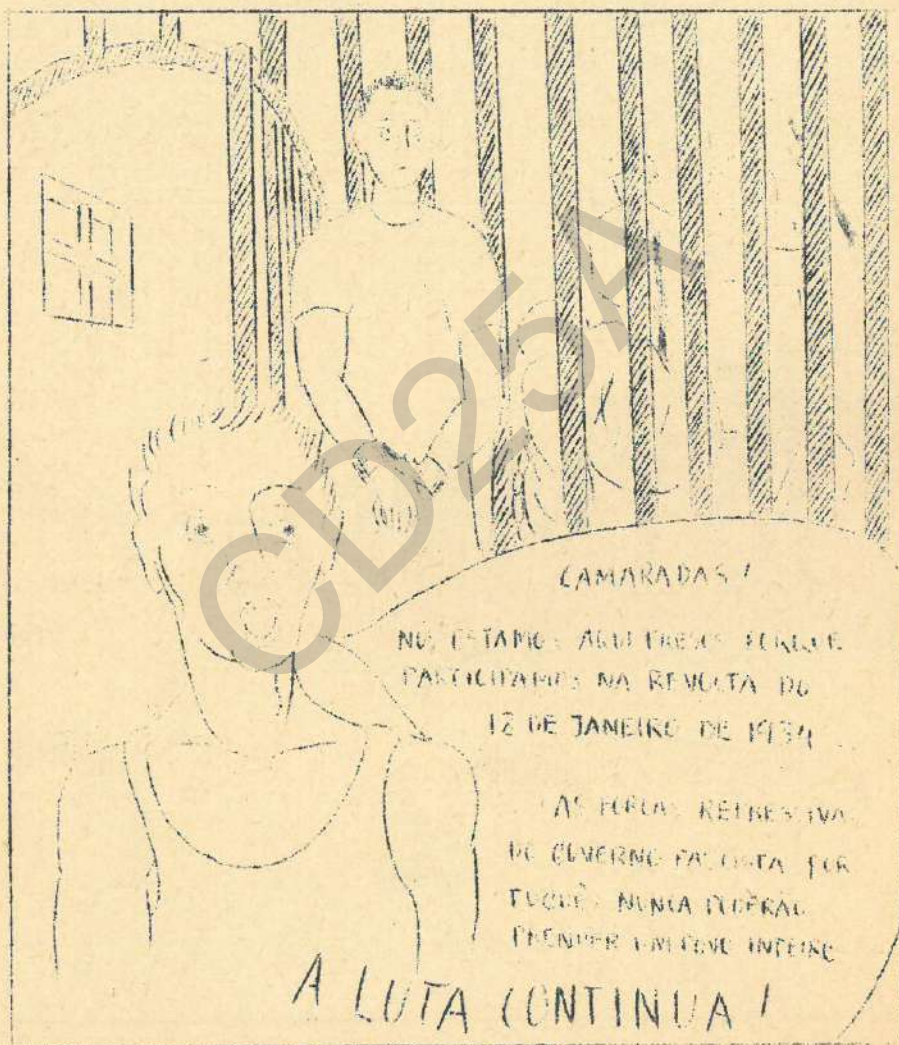


18 JANEIRO 1934



QUADRO I

PRISÃO DO TARRAFAL



Atrás de uma grade sustentada por um actor, estão os prisioneiros.

Diante e ao fundo da cena, dois guardas fazem a ronda.

Música "O meu amigo está preso".

Um dos prisioneiros fala:

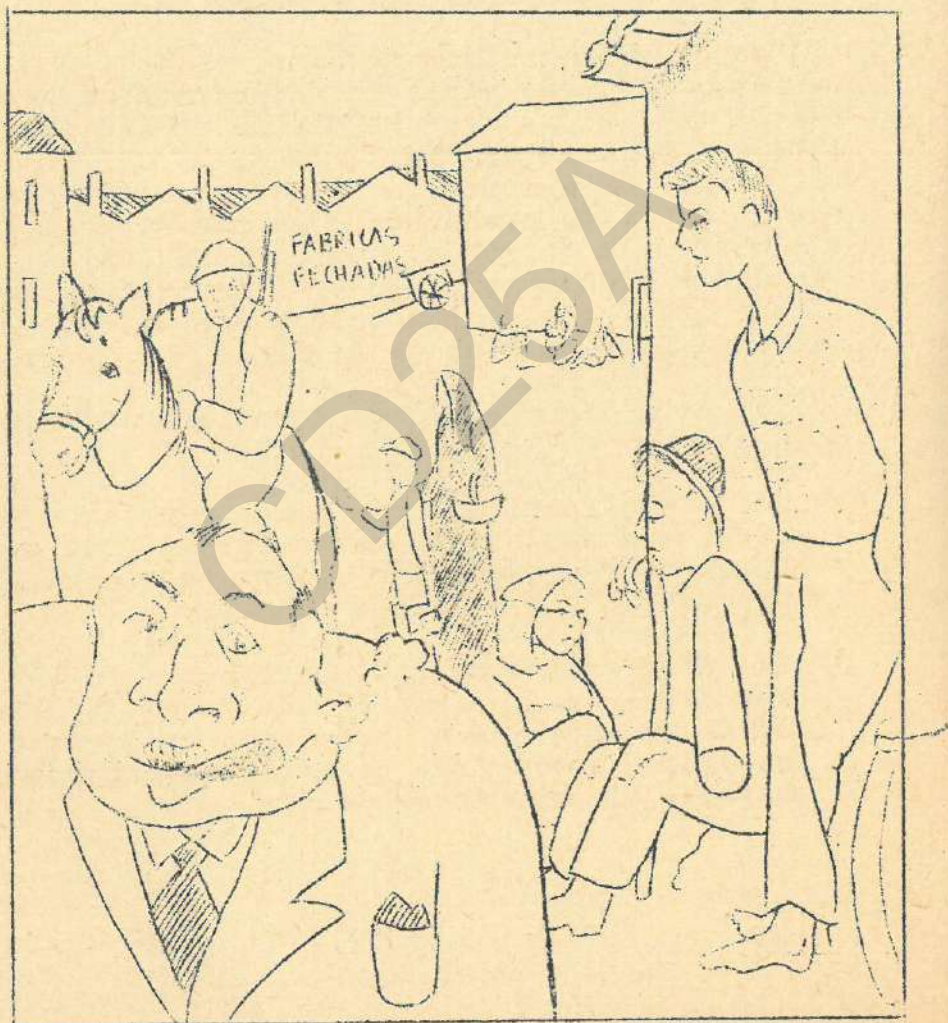
— Camaradas, vão assistir a descrição dos factos que se passaram no dia 18 de Janeiro de 1934, na Marinha Grande.

Durante umas horas, a classe operaria apoderou-se da vila, prendendo a Guarda Republicana e o chefe dos correios. Quando começavam a organizar a vida local, deu-se a invasão da localidade por forças do exercito, Guarda Republicana, P. S. P. e Pide de Leiria.

Com este espectáculo queremos afirmar duas coisas:

- 1º Que o proletariado pode tomar o poder e acabar com a exploração que o oprime; que a força da repressão não poderá nada contra o povo unido e decidido a vencer;
- 2º As experiências do movimento operário têm de ser divulgadas, mesmo se não forem vitorias. So assim aprendemos, estudando as lutas do passado e corrigindo os erros que outros camaradas fizeram antes de nos.

QUADRO II
CRISE DO CAPITALISMO DE 1929



Os actores tomam várias posições indicativas de situações de miséria e desemprego: alguns jogam as cartas, outros fumam o mesmo cigarro sem dizer palavra, outros pedem esmola, etc.

—Desde o início da cena, ouve-se em voz "OFF":
(voz fora da cena)

Em 1929, deu-se a primeira grande crise do capitalismo. Esta crise começada na America, em breve se alastrou por todo o mundo.

Devido a excessos de fabricação, as mercadorias, por falta de compradores, iam-se amontoando nos armazéns. Bancos caíram na falência. Por todo o lado fábricas foram fechadas, lançando no desemprego e na miséria milhões de operários.

Em Portugal também esta crise se fez notar profundamente... Na indústria das conservas de peixe, a maior do país, cerca de 100 000 operários sofreram com a situação, pois esta indústria ficou quase de rastos. Na Indústria Metalúrgica, quase todas as oficinas se encontravam completamente fechadas.

A Indústria da Cortiça, a segunda mais importante do país, ficou quase toda paralizada. O mesmo aconteceu com a Indústria dos Vinhos e com a Indústria Têxtil.

Em 1931 calculou-se, que só nas cidades principais Lisboa e Porto, o numero total de desempregados era de 100 000 e que cerca de 40 000 trabalhadores morriam, minados pela tuberculose.

Todas estas calamidades se fizeram também notar, em grande escala na Marinha Grande, onde as fábricas foram fechadas e o operariado vidreiro lançado no desemprego.

Mas os trabalhadores não contentes com a situação começaram a organizar-se, obrigando o Governo a ceder uma verba de dezenas de contos para abrir trabalhos no pinhal de Leiria, tentando assim empregar os operários vidreiros e abafar a sua revolta

Contudo esta medida, devido às duras condições de trabalho e aos salários de miséria, não satisfizes as aspirações dos operários que se lançaram na luta.

As mulheres trabalhavam tanto como os homens. Elas trabalham, também, na soldagem mais de 10 a 14 horas por dia num calor insuportável. Muitos trabalhos anteriormente feitos, apenas, por homens são também agora executados por mulheres e crianças.

CD25A

QUADRO III

PINHAL DE LEIRIA



O quadro começa em pleno trabalho; este é muito duro. O ambiente de tensão contida existe em todos os trabalhadores, reflectindo-se o mesmo por uma série de olhares trocados entre eles. O capataz vigia, passeando-se entre os trabalhadores. Esta cena de trabalho mantém-se durante um ou dois minutos, em silêncio. Quando o primeiro trabalhador fala todos param de trabalhar enquanto o capataz enfurecido procura calá-lo.

CAPATAZ - Quero esses golpes mais fundos e não tão altos. É p'ra isso que te pagam.

1º OPERÁRIO - (Interrompendo o trabalho e segurando o machado) Camaradas, a gente estamos fartos disto. Os gajos fecham-nos as fábricas e põem-nos a trabalhar como escravos a cortar árvores e a ganhar uma miséria que nem dá para comer. E ainda por cima temos de fazer todos os dias quatro horas a pé. É demais. A gente tem de protestar.

CAPATAZ - Cala-te p'ra ai, ó mandrião e dá-te por feliz em ganhar esses tostões. Se não fosse o Governo vocês estavam todos desempregados.

2º OPERÁRIO - Cala-te tu, ó animal. Ele tem razão. A gente não tem culpa que esses senhores do Governo tenham fechado as fábricas para não terem de nos pagar. A gente tem direito a ganhar pelo nosso trabalho e o que nos pagam aqui é uma miséria. Como se não chegassem virmos todos os dias a pé da Marinha até aqui. A merda tu e os teus patrões.

3º OPERÁRIO - Bem amigos, eu acho que se a gente estiver unidos e conseguirmos um sindicato, eles não se atreverão a tratar-nos como cães, a quem se dá um osso para os calar.

CAPATAZ - Deixem-se de lérias e recomecem a trabalhar imediatamente.

VOZES - Trabalha tu se queres.

- A gente dá-lhe é um arraial de porrada.

- Mas quem é que esse gajo se julga?...
Ainda te trabalhamos ainda...

1º OPERÁRIO - Camaradas, vamos à Repartição das Matas e protestemos todos unidos, e toca a levar os machados para o que der e vier.

VOZES - "É assim mesmo que se fala.

- Desta vez eles vão ouvir a gente, quer queiram quer não.

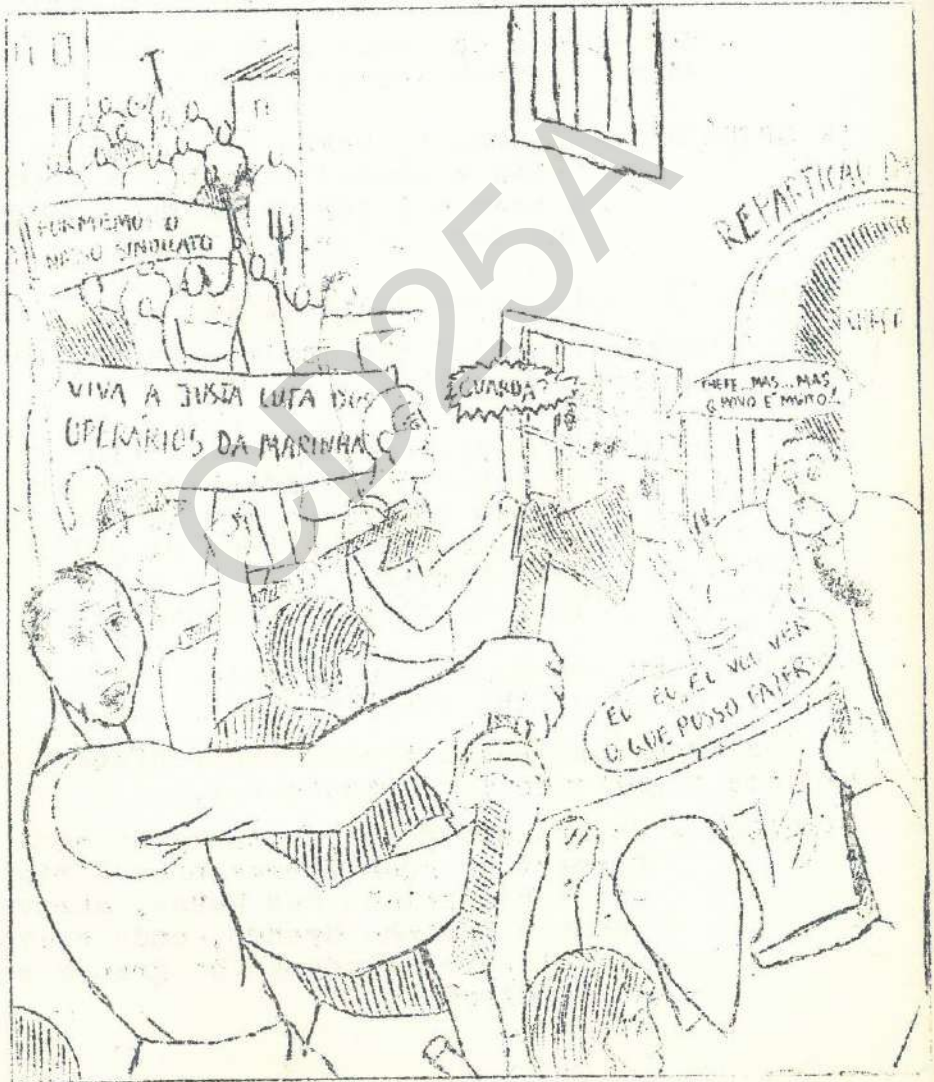
2º OPERÁRIO - Isto agora é mesmo a sério, ou eles nos dão condições p'ra gente ter um sindicato e melhores salários ou nós rachamos os gajos de meio a meio.
Toca a andar p'ra Repartição.

OUTRO - E tu meu melro, ou te calas muito calado ou ainda lhe experimentas o peso.

(Os trabalhadores saíem em manifestação, decididos e gritando com entusiasmo).

NARRADOR - Os trabalhadores, empunhando com firmeza as suas ferramentas dirigiram-se à Repartição das Matas, atravessando a Marinha Grande, onde receberam o apoio e a aclamação de grande parte da população.

QUADRO IV
 NA REPARTIÇÃO DAS MATIAS



A manifestação engrossada de numerosas pessoas que aela se juntaram na Marinha Grande, detem-se em meio de entusiasmo diante da Repartição das Matas. O chefe da repartição acompanhado de um funcionário, aparecem em cena, aturdiços, mas procurando esconder sob a mascara burocratica todo o seu medo.

CHEFE DA REPARTIÇÃO - Mas que é isto? ... Vocês abandonaram o trabalho e com todos esses machados? ... Mas por amor de Deus, até parece que querem matar alguém.

1º OPERÁRIO - A gente espera que não seja preciso. Nós vimos aqui, porque estamos fartos de trabalhar nestas condições. A gente quer melhores salários e transportes. E a gente está disposta a não arredar pé daqui enquanto vossemecê não nos der garantias.

C. da REP. - Bem meus amigos, eu aconselho-vos a terem calma e a não exagerarem. De qualquer modo eu sozinho não posso decidir nada. (Faz sinal ao funcionário que se dirige para um telefone ao fundo). Dêem-me tempo para falar com os meus superiores.

FUNCIONÁRIO - Guarda? ...

C. da REP. - De qualquer modo porque é que vocês não vão embora calmamente, que eu depois vos direi o que consegui.

FUNCIONÁRIO - Não podem vir? ... Ora merda.

2º OPERÁRIO - A gente não arreda pé daqui: E vossemecê trate de se despachar homem, porque senão nós cortamos o mal pela raiz.
(Esta última frase é acompanhada de um brandir de machado).

FUNCIÓNÁRIO - (Baixo para o chefe) Da Guarda dizem que não podem vir. Que são muito poucos ...

C. da REP. - (Hesitante e demonstrando o medo que o começa a invadir) Eu vou ver o que posso fazer. (Sai de cena).

3º OPERÁRIO - Eh! Camaradas, alguém que vá com esse sacana senão o tipo ainda faz das suas.

VOZES DE APOIO E INICIATIVA.

4º OPERÁRIO - Eu vou. (Par os outros) Camaradas, não arredem pé. A Guarda não se atreverá a intervir.
UNIDOS VENCEREMOS.

Há vozes que respondem.

NARRADOR - Os patrões e os seus lacaios (Câmara, Guarda Republicana, etc.), habituados às manifestações do 1º de Maio ficaram altamente impressionados pelo carácter violento desta luta, cedendo em grande parte às exigências dos trabalhadores. Como consequência imediata desta luta, os operários conseguiram melhoria de salários e transportes de ida e volta para o pinhal.

QUADRO V

UM HOMEM E UMA MULHER

DEPOIS EM CASA DE UM TERAPISTA



ENTRA UM OPERÁRIO TRAZENDO UM EMBRULHO.

MULHER - Donde vens tu homem? Eu ouvi barulho, mas não me atrevi a sair.

HOMEM - (Desfez o pacote, que continha material para fazer um copiógrafo manual, que começa a preparar).
Fizeste mal mulher. A gente lá no pinhal revoltou-se e resolveu vir manifestar à Repartição das Matas. Havias de ver; na vila as pessoas juntaram-se a nós e os gajos da repartição estavam todos cagados de medo.

MULHER - Mas homem, e o emprego? Perdeste o emprego? E como é que vamos viver? O que eu ganho não chega. Vê lá no que te metes homem, (Reparando no trabalho que o homem está a fazer) E o que é isso?

HOMEM - Nós não perdemos o emprego. Até conseguimos que eles nos aumentassem os salários e nos dessem transportes para o pinhal. E isto (copiógrafo) é um instrumento, muito fácil de construir, que serve para nós fazermos um papel para ser distribuído na vila a todos os trabalhadores. (Explica o funcionamento). Nos temos de continuar a lutar, é a única maneira de conseguirmos os nossos direitos.

MULHER - Lutar. Lutar. Lá na fábrica a Joana também está sempre a falar nisso. Mas que é que adianta homem? A gente nasceu para trabalhar, somos pobres. (Noutro tom) Olha a sopa que está a arrefecer.

HOMEM - Primeiro quero acabar este trabalho, (continua a trabalhar no copiografo), eu depois aqueço a sopa; e isso de uns nascerem para trabalhar e outros para ganhar são historias contadas; porque não ouves o que a Joana diz, ela tem razão. Essa danada fabrica é um inferno.

MULHER - Eu tenho medo de a ouvir, tenho medo homem.

HOMEM - Também eu tive medo, hoje lá no pinhal quando pegamos nos machados, mas foi só um bocadito, quando a gente atravessou a vila de machados, na mão já o tinha perdido á muito. Nós estavamos unidos e sabiamos o que queriamos.

MULHER - Eu também sei o que quero. Pão para nós e para os nossos filhos e viver em paz.

HOMEM - E para o conseguir, mulher? Vamos esperar que tudo isso nos caia do céu? (A mulher tem um gesto de raiva. O homem acaba de trabalhar no copiografo e lê para o publico um dos panfletos acabados de fazer).

QUADRO VI

INAUGURAÇÃO DO SINDICATO



NARRADOR - A luta dos operários continua firme e dura até 1932, tendo sido criado neste ano um sindicato dos trabalhadores da indústria vidreira com sede na Marinha Grande.

1º OPERÁRIO - Camaradas, inauguramos hoje o nosso sindicato. Ele tornou-se necessário para realizar a união de todos os operários da indústria vidreira. Um operário isolado não se pode defender contra a união dos patrões; mas se os operários se unirem todos, podem obrigá-los a ceder. Devemos estar contentes com esta vitória. Ela é o resultado do nosso trabalho e do nosso sacrifício na luta. Mas lembrem-se, camaradas, que ela é um primeiro passo. O sindicato terá que ser defendido todos os dias. Ele deve ser um meio a utilizar para novas lutas.

2º OPERÁRIO - Vê como valeu a pena. Agora já temos o nosso sindicato.

1ª MULHER - Cá na minha, não vai durar muito. Eles hão-de fazer tudo para o tirarem das nossas mãos e meter lá uns tantos que estejam feitos com os patrões, para fazerem de nós o que querem.

3º OPERÁRIO - Isso é se os deixarmos. Vossemecê não viu quando viemos lá do pinhal c'os machados na mão, como eles tiveram medo. Ai não, que não tiveram. E olhe que eles só hão-de governar enquanto nos os deixarmos. Se não houvesse tantos traidores e tantos ignorantes ...

2ª MULHER - Lá isso é verdade, mas lá virá o dia .

3ª MULHER - Infelizmente nada se faz sem sacrificio. Olhe que custa muito não ter pão para dar aos filhos. E se não lutamos então é que nos comem de todos os lados. Não temos nada a perder.

NARRADOR - A classe operária da industria vidreira tinha o seu sindicato. Estava apta a combater pelas suas reivindicações economicas. Mas isto não agradou aos patrões e ao governo, visto que era contra os seus interesses.

«O nosso objectivo é garantir que a literatura e a arte se integrem como parte componente do conjunto da máquina da revolução, que funcionem como uma arma poderosa para unir e educar o povo, para atacar e destruir o inimigo, e que ajudem o povo a combater o inimigo com um mesmo sentimento e uma mesma vontade»

MAO TSE TUNG

CD25A

QUADRO VII

FASCIZAÇÃO DOS SINDICATOS



Vêm dois trabalhadores do fundo da cena, fingindo que falam um com o outro. Quando veem a mulher levantar-se da cadeira e pôr uma "écharpe" com modos aristocráticos, param e sentam-se à boca da cena, onde assistirão a tudo o que se vai passar.

NARRADOR-(Interpretado por uma actriz que imitará uma senhora nobre da época, no estilo do actual Movimento Nacional Feminino).
Estavamos todos muito preocupados com a agitação que se passava na altura.
Em 1932, os comunistas tiveram a desfaçatez de descer à rua, gritando e injuriando as nossas instituições.
Felizmente que a coragem e a bravura dos companheiros fascistas esmagou a revolta. Seria que o país estava a cair na subversão, que os trabalhadores começavam a querer ser livres e a deixar de respeitar os patrões? As pessoas mais importantes da Nação! O nosso próprio presidente, Sa. Exa. Dr. António de Oliveira Salazar, célebre pela sua calma e frieza perante as situações mais difíceis, andava particularmente nervoso, chegando a discutir todos estes problemas com os seus amigos: Marechal Óscar Fragoso Carmona, Presidente da República; Sua Eminência Manuel Gonçalves Cerejeira, então Cardeal; Marcelo Caetano, esperançoso jovem do fascismo, que mais tarde o haveria de substituir no mando do país. Aparece também Rolão Preto, organizador dos sindicatos fascistas, homem sério e decidido, mas que caiu em desgracia porque não conseguiu esmagar a odiada influência dos sindicatos vermelhos.

Os actores sentam-se em cadeiras, virados para o publico, a medida que o narrador os vai enunciando.

PERSONAGENS - Salazar - Carmona - Cerejeira -
Marcelo Caetano e Rolão Preto.

SALAZAR - A subversão não pode continuar. Os operários continuam a querer organizar-se, passam a vida a falar de sindicatos, revoltam-se e exigem aumentos de salários..

CEREJEIRA - Ai, valha-nos Deus.

MARCELO CAETANO - (DEDO NO AR) Dá-me licença Sr. Presidente. Já o nosso projecto do estatuto do trabalho nacional diz que o trabalho não pode ter interesses acima do capital.

CARMONA - Hum! Hum!

CEREJEIRA - E aquele rapaz, o Rolão Preto, não parece má pessoa, ele não conseguiria dar um jeito nesta confusão?

SALAZAR - Como nós nos entendemos. Oh! Rolão (Chamando com um som de dedos)

ROLÃO PRETO - (Saudação nazi, continência) Às vossas ordens.

Comentário único de Cerejeira - Abençoa-o.

MARCELO CAETANO - (Olha com ar beatífico e meio sorridente).

SALAZAR - (Olhar desconfiado e despeitado).

CARMONA - Hum! Hum! Descansar.

FOLÃO PRETO - (Abandona o sentido, mas continua com o braço estendido).

SALAZAR - Como vai esse sindicato?

FOLÃO PRETO - Os bolcheviques e os anarquistas infiltram-se em todo o lado. A classe operária está minada e deixa-se levar pelas ilusões tecidas por esses fanáticos.

SALAZAR - O Sr. quer dizer que não vê a possibilidade de derrotar o Sindicalismo inspirado pelos anarquistas ou pelos comunistas?

ROLÃO PRETO - Bem, a situação não é entusiasmadora, mas como a nossa doutrina, o nacional socialismo, já triunfou na Itália com o nosso camarada Mussolini, e como na Alemanha o nosso íntimo amigo Hitler caminha para o poder, é natural que esta crise seja passageira e que venhamos a esmagar esses canhas.

SAIAZAR - Pode retirar-se. (Retirada apressada de Rolão Preto).

CEFEJEIRA - Ai credo, António, não me digas que o nosso bom Povo trabalhador está a perder a fé em Deus.

SALAZAR - Bem, vamos organizar os nossos sindicatos, os Sindicatos Nacionais. Proibimos os outros e acabou-se.

MARCELO CAETANO - Muito bem. Muito bem.
(Batendo palmas).

CARMONA - Hum! Hum!

CEREJEIRA - Oh! (De mãos postas)

SALAZAR - É preciso é propor uma votação à Nação, um plebiscito. Temos de dar um ar de legalidade a esta coisa, e o melhor é votar uma constituição diferente. Precisamos de uma ordem nova, uma ditadura.

ENTRA O HOMEM DO PLEBISCITO. (Anuncia o plebiscito) É votar, e votar, e dever de todo o cidadão votar. (Escreve a votação num quadro).

SALAZAR - Some. Some os votos, homem.
(A adição é feita).

SALAZAR - A Nação foi consultada e respondeu favorável e esmagadoramente à proposta do Governo. Apartir de hoje existe uma nova lei de estado, proibindo os partidos políticos da Oposição. Para resolver os problemas dos trabalhadores temos os Sindicatos Nacionais, e sendo definitivamente abolidas as outras organizações da Classe Operária, fonte de discordia e inimizades no bom Povo Português.

COMENTÁRIOS ENTUSIASTICOS DOS OUTROS COMPARSAS.

CEREJEIRA - Deus protegeu-nos.

CARMONA - Hum! Hum!

MARCELO CAETANO - Parabéns senhor presidente.

A senhora tipo Movimento Nacional Feminino, entrega um ramo de flores a uma criança que o vai dar a Salazar. Este beija a criança, pega no ramo de flores e ao mesmo tempo põe-lhe o braço na saudação fascista. Toca o Hino Nacional. Nessa altura os trabalhadores fazem um manguito.

QUADRO VIII

REUNIAO DO COMITE REVOLUCIONARIO

ISSO PARA ESTRADA DEITAM-SE UMAS ARVIDES ABAIXO. PARA OS CORREIOS DEVEM SER DEIXADOS UNS DEZ HOMENS. A CONCENTRACAO FAZ-SE EM CASAL GALEGO, E LA QUE SERAO DISTRIBUIDAS AS ARMAS.



NARRADOR - Depois do Governo ter tomado os sindicatos, o Partido Comunista propôs que se convocassem reuniões de Assembleias Gerais para levar os trabalhadores a votar contra o Estatuto Do Trabalho Nacional. Mas alguns sindicatos, de tendência anarquista, não estavam de acordo com esta palavra de ordem e diziam que se devia fazer uma greve Geral Revolucionária. Finalmente chegou-se a uma Frente Unida entre os anarquistas, o Partido e os diversos Sindicatos que entraram em acordo para a realização de uma acção armada. Entretanto o Partido tinha lançado Manifestos do Comitê dizendo que controlava sectores da policia e do exercito. Estas noticias, demasiado optimistas, contribuíram para que os trabalhadores julgassem que se pudesse tomar o poder de um dia para o outro.

Para combinar a acção local, reuniu-se na Marinha Grande o comitê revolucionário, que agrupava operários de varias tendências politicas.

MANECAS - Camaradas, eu já disse varias vezes que não estou de acordo com esta revolta, e muitos outros camaradas pensam como eu. Todos os trabalhadores estarão com a gente? Duvido. Nós ainda não somos muito fortes. Falta-nos organização, era preciso primeiro fazer campanhas de esclarecimento e propaganda, agitação pública para os mobilizar. Não estaremos nos a precipitar-nos?

A. GUERRA - Os trabalhadores estão mobilizados e dispostos a ir para a frente. O levantamento Geral é a unica maneira de acabar com as injustiças de que somos vítimas e de termos uma vida melhor. A luta p'los nossos sindicatos não chega, e preciso derrubar e instaurar um Governo do Povo.

1º OPERÁRIO - Pois claro, tanto nós os comunistas, como os anarquistas, os socialistas os republicanos, todos estamos unidos para a luta, temos que ir para a frente. O 18 de Janeiro é a esperança para todos os trabalhadores. Devemos de ter em conta que não somos só nós aqui, todo o país se está a preparar para se levantar com armas. Não basta defender os nossos sindicatos, pois mais dia menos dia, eles voltam a apanhá-los. A única saída é a revolução.

MULHER - Eu acho que o povo está mobilizado. Onde há miséria há revolta, e na porrada é que se aprende. Não vamos agora voltar ao princípio. Temos e que estabelecer os planos e p'ra frente é que é caminho.

MANEAS - Não sou eu que vou ficar para trás. Se todos acham que se deve ir para a frente, eu cá vou convosco. Se disse que ainda era cedo é porque me parece que há muita gente que tem medo e que ainda não percebeu que a única maneira de deixar de ser explorado é acabar com os patrões e o Governo que os apoia.

MULHER - Não percebeu o quê? Até a gente não percebe que vive na miséria enquanto os patrões enchem a barriga com o fruto do nosso trabalho? Que diabo. Isso não é assim tão difícil de perceber. Se os ricos são ricos é com o que nos roubam. Quem é que trabalha para eles amealharem? Nós não precisamos deles, as fábricas podem muito bem funcionar sem os patrões, eles só lá vão buscar aquilo que a gente produz.

A. GUERRA - Bem, passemos então ao que interessa. A mim parece-me que com uns vinte ou trinta homens armados conseguimos tomar o posto da G.N.R. e com as armas que lá arranjarmos ficamos senhores da situação.

ANARQUISTA - Então e as armas para o ataque? Eu tenho lá em casa uma caçadeira que não serve só p'ros coelhos, também serve para matar fascistas.

1º OPERÁRIO - As armas arranjam-se todas as que pudermos. Também as caçadeiras, sim senhor. Se lhas serrarmos os canos ficam melhores que espingardas da G.N.R. Já há algumas e há camaradas que tem pistolas, facas, machados, foices e forquilhas também hão-de servir e ser precisos.

ANARQUISTA - Então e as bombas? O Manel que trabalha na pedreira, pode roubar dinamite. Tenho ca uns amigos que são especialistas nisso. Ou essa cambada da Guarda se rende ou lá vai laranja...

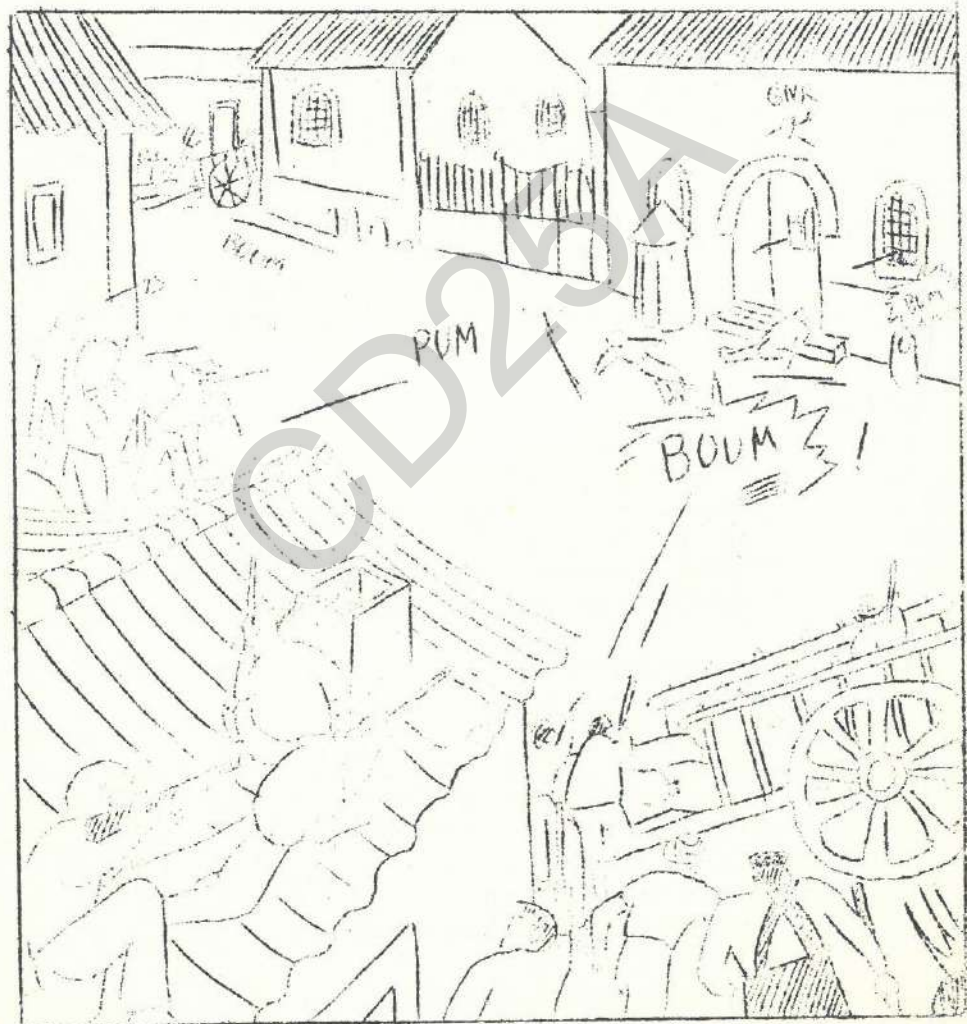
MANECAS - E se alguém avisa para Leiria? O melhor é cortarmos as comunicações ... Olha... Os Correios... a estrada que vai para Leiria, a da Vieira... A linha do comboio.

A. GUERRA - Isso p'ra estrada deitam-se umas árvores abaixo. P'ros correios é que devem ser precisos uns oito ou dez homens. É preciso cuidado com esse canalha do Leal... Esse grande filho da puta (abana a cabeça com raiva). A gente tem que se por a pau com ele.

MULHER - Ele também há-de ter a sua conta. Nós lhe trataremos da pele...

A. GUERRA - Bem, eu estive há bocado com camaradas que estão a preparar tudo. Há gente que está a ser instruída sobre o manejo de armas. A concentração faz-se em Casal Galego e é lá que todas as armas serão distribuídas.

QUADRO IX
INSSURREIÇÃO



Ao fundo, à direita um cartaz diz: GUARDA NACIONAL REPUBLICANA, a esquerda outro diz: ESTACÃO DOS CORREIOS.

À frente, estão concentrados os operários que vão atacar os dois objectivos. O dirigente A. GUERRA tem uma braçadeira vermelha, estão todos armados.

Com a cena assim construída entra o narrador.

NARRADOR - Na noite de 17 para 18 de Janeiro de 1934 às primeiras horas da madrugada e segundo o plano estabelecido, fez-se a concentração de grupos de operários, e o ajuntamento de armas, munições e ferramentas necessárias. Assim de CASAL GALEGO, sob a direcção de A. GUERRA, saíram cinco grupos de operários (cada um com cinco operários) um para o ataque ao posto da G. N. R. e outro grupo para atacar o posto dos correios, os outros grupos partiram para cortar as linhas telefónicas, as linhas do caminho de ferro e as estradas.

A. GUERRA - Camaradas, as outras brigadas já partiram para as suas tarefas. Agora é a nossa vez. Atenção ao meu tiro de pistola. O posto e os correios tem de ser atacadas ao mesmo tempo. Vamos a isto.

Um grupo de operários. (o 1º e o 2º) dirigem-se para a proximidade dos correios. Os outros dirigidos por A. GUERRA, tomam posições perto da G. N. R., atrás de cadeiras que imitam uma barricada.

A. GUERRA - Vocês atacam pelas traseiras.

Dois operários saem para o fundo da cena. A. GUERRA aponta a pistola para o ar e dispara. Todos os operários começam a disparar. O grupo dos correios entra na estação.

CHEFE DOS CORREIOS - Mas o que é isto.

CHEFE DOS CORREIOS - Não tenho nada a explicar. Não estou autorizado para isso. Além disso não é da vossa conta.

1º OPERÁRIO - Não é da nossa conta? Não era, mas agora passa a ser.

2º OPERÁRIO - E a partir de agora, somos nós operários a mandar nisto e não tu meu fascista da merda.

1º OPERÁRIO - E ou explicas, ou meto-te um tiro nos cornos.

CHEFE DOS CORREIOS - Está bem. Está bem. Eu explico.

1º OPERÁRIO - Estás a ver camarada. Estes gajos fazem-se fortes, mas quando pega - mos em armas, cagam-se de medo.

2º OPERÁRIO - Anda lá o cobardola. Diz lá como é que se mexe nisso.

A explicação é feita por meio de mimica, assim como os telefonemas que se seguem. A partir desta altura a cena passa para o posto da G. N. R. Está formada uma barricada em frente do posto. O tiroteio recomeça com intensidade. Aparece um operário correndo (para junto da barricada perto de A. Guerra e dos seus camaradas) A: GUERRA virando-se pergunta:

A. GUERRA - Então novidades. Novidades.

4º OPERÁRIO - Camaradas, as linhas e as estradas estão cortadas.

5º OPERÁRIO - Há valentes.

A. GUERRA - P'ra frente camaradas.

5º OPERÁRIO - Rendam-se ou com duas bombas deitamos a casa abaixo.

O tiroteio foi mais violento do que nunca.

SARGENTO OLIVEIRA - Queremos render-nos, eu e os meus homens, se vocês prometerem não nos matarem.

A. GUERRA - Está prometido, saiam cá para fora.

O sargento sai, acompanhado da mulher e da filha. Atraz dele vem dois guardas com os braços no ar. Um operário aponta a sua arma ao sargento e ameaça-o.

5º OPERÁRIO - Este fuzila-se já.

O sargento esboça um gesto de medo. A mulher e a filha agarram-se a ele.

A. GUERRA - Não, este homem é um prisioneiro de guerra.

4º OPERÁRIO - Só se mata quando é preciso.

5º OPERÁRIO - (Reticente) Por isso mesmo, mata-se já, matam-se todos.

A. GUERRA - Não são fascistas. São apenas os cães de guarda dos patrões e do fascismo. Como disse este camarada, só se mata quando é preciso. Se for preciso eles serão julgados por um tribunal popular. É o povo que julga e condena e não tu ou eu, entendes?

C 5º OPERÁRIO BAIXA A ARMA DE MÁ VONTADE.

4º OPERÁRIO - O melhor é revistá-los, não vão eles terem alguma arma escondida.

A. GUERRA - Isso mesmo. Passa-lhes uma revista.

Adianta-se um operário e um outro que diz com ar de chalaça .

4º OPERÁRIO - As mulheres também?

A. GUERRA - Não. As mulheres não é preciso.

Os operários começam a revistar o sargento e os outros guardas, enquanto A. Guerra vai falando, dirigindo-se a eles.

A. GUERRA - Vocês estão presos e vão daqui para a fábrica do vidro. A você sargento acontece-lhe o mesmo. Quanto à sua mulher e filha, não tenha medo. Na pensão "Martinho" há boa comida e nada lhes acontecerá. Tem a minha palavra.

Os dois guardas, o sargento, a mulher e a filha, saem sob prisão, conduzidos por dois operários.

UM OPERÁRIO - Fora a guarda republicana.

VOZES - Fora.

2º OPERÁRIO - Morra Salazar. Abaixo o fascismo.

VOZES - Abaixo.

A. GUERRA - Façam uma busca ao quartel. Distribuem as armas que encontrarem por aqueles que ainda as não têm.
CAMARADAS...

3º OPERÁRIO - Morram os patrões. Viva o Operariado.

VOZES - VIVA.

A. GUERRA - Camaradas, o dia de hoje é um grande dia para a classe operária da Marinha Grande. A nossa vila está agora nas nossas mãos.

(Os actores metem-se no meio do público)

2º OPERÁRIO - Viva a Marinha. Viva a CLASSE OPERÁRIA.

VOZES - VIVA.

4º OPERÁRIO - No resto do país outros camaradas estão a lutar pela mesma causa. Os patrões e o governo fecharam os nossos sindicatos e reprimem a nossa classe. O governo e os patrões querem criar os sindicatos fascistas, mas o PARTIDO COMUNISTA e a CLASSE OPERÁRIA nunca o permitirão. Viva o Partido Comunista.

VOZES - VIVA.

3º OPERÁRIO - (Que dá alguns passos) Eu também quero falar. Camaradas, hoje em todo o mundo, os trabalhadores estão unidos contra o fascismo e lutam pelo Socialismo. VIVA A INTERNACIONAL COMUNISTA.

VOZES - VIVA.

2º OPERÁRIO - Camaradas, esta vitória pertence a todos os operários vidreiros. Mas há uma coisa que lhes quero dizer: falta aqui um dos nossos. Esse camarada está há vários meses doente. Tuberculoso no último grau, apoia com todas as suas forças a nossa luta. Todos conhecemos esse camarada, MANUEL ESTEVES, o "MANECAS"...

UM OPERÁRIO - Viva o "MANECAS".

VOZES - VIVA.

A. GUERRA - É verdade que a gente todos sentimos na carne as garras dos patrões e do fascismo. Todos nós sofremos e é por isso que estamos dispostos a lutar. Há 17 anos os operários conquistaram, pela primeira vez, o poder pelas armas. Há 17 anos os operários soviéticos, ontem guiados pelo grande LENINE hoje por ESTALINE, tornaram-se donos de si mesmo.

1º OPERÁRIO - VIVA A RÚSSIA SOVIÉTICA.

VOZES - Viva.

2º OPERÁRIO - Viva LENINE E ESTALINE.

VOZES - Vivam.

Depois do viva, o espectáculo é interrompido para o público poder participar no mesmo. Os actores tentam que ele "viva" o 18 de Janeiro de 1934.

É lançado para o meio do público um boneco de fraque, cartola e charuto, simbolizando um capitalista.

4º OPERÁRIO - Camaradas, aquela é a nossa bandeira. Hoje é a vez da Marinha Grande e não só da Marinha, mas de todo o País. Camaradas, aquela é a bandeira da vitória.

2º OPERÁRIO - VIVA A REVOLUÇÃO. Camaradas vamos cantar a INTERNACIONAL.

TODOS CANTAM A INTERNACIONAL.

3º OPERÁRIO - Todo o poder ao povo.

1º OPERÁRIO - Defendamos a nossa terra. Vamos organizar-nos.

4º OPERÁRIO - Vamos reabrir o nosso sindicato.

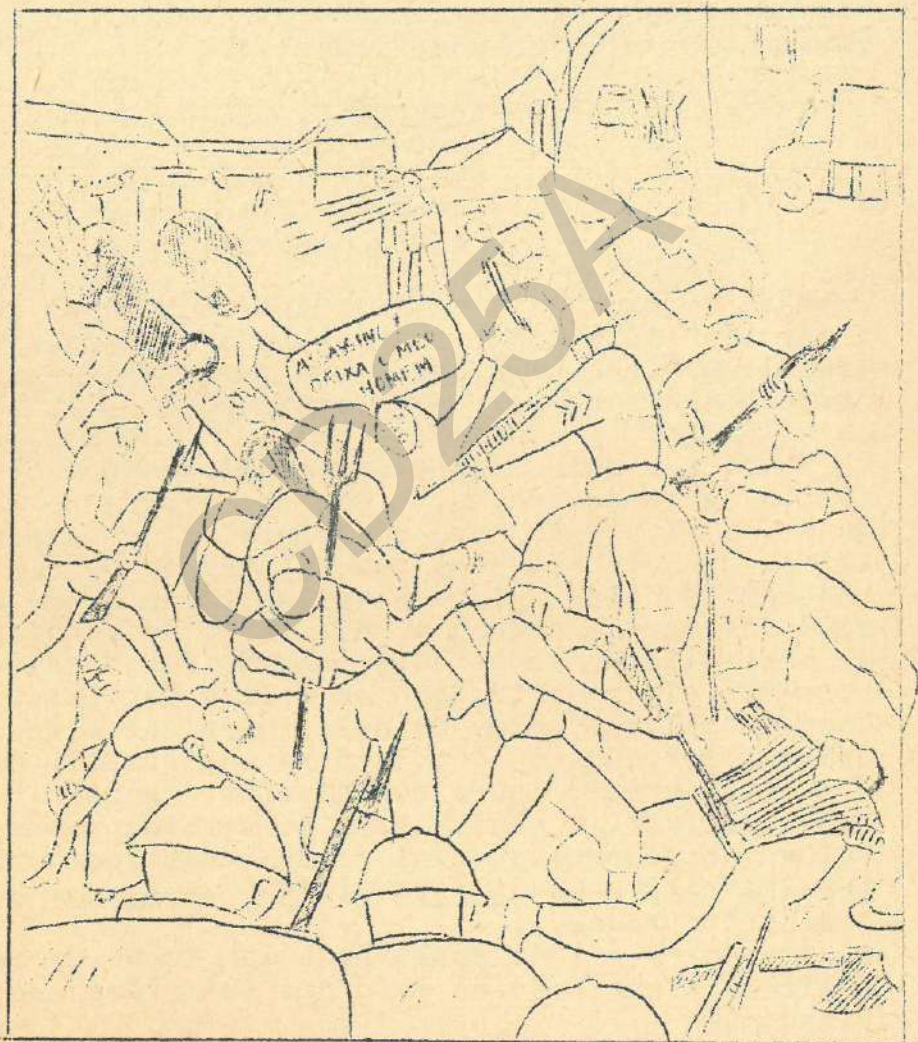
5º OPERÁRIO - Todos ao sindicato.

Neste momento houve-se rajadas de metrelhadoras. Vários operários caem ao chão, incluindo o que levava a bandeira. Levantam-se, mas um deles continua estendido. Pegam nele e arrastam-no. Ouvem-se mais tiros e a confusão é geral, os operários fogem em todas as direcções. Alguns agrupam-se, são apenas dois ou três, durante uns momentos.

A. GUERRA - É a tropa de Leiria. Vou prevenir o comité. Juntamo-nos no pinhal.

QUADRO X

REPRESSÃO E FINAL



Após as primeiras rajadas de metralhadora, alguns operários caem feridos, e os restantes fogem.

Cena extremamente violenta, de luta entre os operários e as forças repressivas.

Aparece um soldado que trás um operário com os braços no ar. O operário trás uma metralhadora vincada nas costas. Atrás do soldado aparece a mulher do operário que começa a bater nas costas do soldado com os punhos cerrados e tenta empurrá-lo gritando com violência.

MULHER DO OPERÁRIO — Assassino, deixa o meu homem, maldito. (O soldado dá uma enorme bofetada à mulher que cai e fica estendida no chão a chorar.)

Ouve-se um som de caixa militar a sublinhar que a revolta tinha sido esmagada, que as forças repressivas tinham vencido. Espalhados pela cena, os corpos dos operários assassinados.

Temos a seguir a cena das condecorações. Presentes os condecorados, o Tenente Virgulino e Manuel Leal, assim como um general e um capitalista. Os dois soldados que estavam de sentinela nos pontos estratégicos da vila, tomam agora posição de parada um pouco mais atrás do general e do capitalista. Estes dois, se não for possível trazerem alguma coisa que os defina bem (uma jaqueta militar, boné de pala, medalhas para o primeiro; fraque e cartola para o segundo), devem então trazer letreiros dizendo: "general" e "capitalista". O capitalista em seguida passa medalhas ao general que vai condecorando os outros, até que fica numa posição rígida, abraçando um dos condecorados.

Esta cena é toda sublinhada com toque de caixa militar, e passa-se no meio dos operários assassinados.

NESSA ALTURA LEVANTA-SE A ACTRIZ QUE FAZIA DE MULHER DO OPERÁRIO QUE DIZ:

— OS ASSASSINOS DO POVO FORAM CONDECORADOS; OS PATRÕES SABEM AGRADECER AOS SEUS LACAIOS, POLÍCIAS OU SOLDADOS, QUE MATAM E PRENDEM OS OPERÁRIOS.

MUITOS CAMARADAS FORAM PRESOS E MORRERAM NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DO TARRAFAL, EM CABO VERDE.

MAS A LUTA CONTINUOU.

NESTA FRASE OS OPERÁRIOS LEVANTAM-SE E, EMPUNHANDO, FOICES, MARTELOS, ESPINGARDAS E BANDEIRAS VERMELHAS, CERCAM AMEAÇADORAMENTE O GRUPO QUE SIMBOLIZA AS CONDECORAÇÕES.

AINDA NÃO CONSEGUIMOS DESTRUIR O CAPITALISMO EM PORTUGAL; MAS COMO noutras partes do mundo, TAMBÉM, O NOSSO POVO SERÁ LIVRE E EXTREMINARÁ A BURGUESIA.

TIRANDO LIÇÕES DOS FRACASSOS ANTERIORES, CORRIGINDO OS ERROS DOS FALSOS DEFENSORES DO PROLETARIADO, AS MASSAS TRABALHADORAS PORTUGUESAS SABERÃO ESMAGAR OS EXPLORADORES.

COMO DIZ O CAMARADA MAO-TSE-TUNG: "LUTAR, FRACASSAR, VOLTAR A LUTAR, FRACASSAR OUTRA VEZ, LUTAR DE NOVO, ATÉ À SUA VITÓRIA. ÉIS A LÓGICA DO POVO, CONTRA A QUAL ELE JAMAIS MARCHARÁ."

OS ACTORES AVANÇAM PARA A FRENTE DA CENA, E FORMAM UM QUADRO COESO E UNIDO DO POVO EM ARMAS DECIDIDO A COMBATER E A VENCER. COM UMA FOICE E UM MARTILHO, 2 ACTORES DESENHAM O SIMBOLO DO COMUNISMO SOBRE UMA BANDEIRA VERMELHA EMPUNHADA POR OUTRO ACTOR.

CANÇÃO "O MEU AMIGO ESTÁ PRESO".

QUADRO FINAL

AINDA NÃO CONSEGUIMOS DESTRUIR O CAPITALISMO EM PORTUGAL MAS
COMO NOUTRAS PARTES DO MUNDO, TAMBÉM O NOSSO DEVO SERA LIVRE E
DETERMINARA A REVOLUÇÃO!



CD25A

A ARTE POPULAR AO SERVIÇO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO em MOÇAMBIQUE

Não basta que seja pura e justa
a nossa causa.
É necessário que a pureza e a justiça
existam dentro de nos.

Dos que vieram
e conosco se aliaram
muitos traziam sombras no olhar
motivos ocultos
intenções estranhas.

Para alguns deles a razão da luta
era só ódio: um ódio antigo
centrado e surdo
como uma lança.

Para alguns outros era uma bolsa:
bolsa vazia (queriam enchê-la)
queriam enchê-la com coisas sujas
inconfessáveis.

Outros viemos,
Lutar, p'ra nós é ver aquilo
que o povo quer
realizado.

É ter a terra onde nascemos.
É sermos livres p'ra trabalhar.
É ter p'ra nós o que criamos.
Lutar p'ra nós é um destino
é uma ponte entre a descrença
e a certeza do mundo novo.

Na mesma barca nos encontramos.
Todos concordam — vamos lutar.
Lutar p'ra quê?
P'ra dar razão ao ódio antigo?
P'ra encher a bolsa com o suor do povo?
Ou p'ra ganharmos a liberdade
e ter p'ra nós o que criamos?

Na mesma barca nos encontramos.
Quem há-de ser o timoneiro?

Ah as tramas que eles teceram!
Ah as lutas que ali travamos!

Mantivemos-nos firmes: no povo
buscavamos a força
e a razão

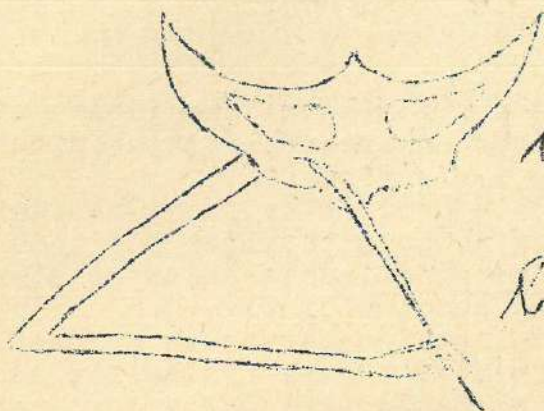
Inexoravelmente
como uma onda que ninguém trava
vencemos.

O povo tomou a direção da barca.

Mas a lição lá está, foi aprendida:
Não basta que seja pura e justa
a nossa causa.

É necessário que a pureza e a justiça
existam dentro de nós.

Poema anónimo publicado na "VOZ da
REVOLUÇÃO" jornal da Frente



Conceito
dos
Leitores

"Quando é lançada, uma revista deve de ser tomada a sério e bem conduzida. Nesta questão, os redactores e os leitores têm a mesma responsabilidade. É preciso que os leitores exprimam a sua opinião e façam conhecer, através de cartas curtas ou pequenos artigos, o que lhes agrada. É a única maneira de assegurar o sucesso da revista."

"Para o aparecimento do "Operário Chinês"
Mao Tsé-Tung

Nesta secção publicaremos as opiniões e críticas que recebermos. Dado que, no nosso país a te escrever sobre questões culturais é considerado um crime contra a "segurança do estado", a correspondência enviada será publicada sem indicação da sua origem ou indicando-a de uma forma vaga e indefinida. No entanto, pedimos aos leitores e correspondentes que nos participem a sua identidade e morada, de modo a pudermos entrar em contacto directamente.

A propaganda é uma arma da REVOLUÇÃO

CAMARADA:

Indicamos a seguir dois processos muito simples para fazer panfletos, cratazes, vinhetas, etc. O copiografo e a serigrafia.

Utilizando a serigrafia fazem-se cartazes e vinhetas destinados a espalhar por todo o lado as palavras de ordem necessárias ao desenvolvimento da luta revolucionária.

Com os copiografos, far-se-ão os panfletos e targetas necessários para transmitir os sucessos da luta dos soldados, para dar a conhecer as injustiças praticadas no teu ou nos outros quartéis. E também para informar sobre as lutas que os operários, camponeses e estudantes revolucionários travam fora dos quartéis, e que nós devemos apoiar.

COPIOGRAFO MANUAL

Construção

- 1- Uma tabua, ligada por dobradiças, a uma armação. Escolher uma medida de 25 por 35 cm.
- 2- Colocar na tabua (que será a base do copiografo), um vidro.
- 3- Dentro da armação (que será a parte de cima do copiografo), põe-se nylon de peneira.

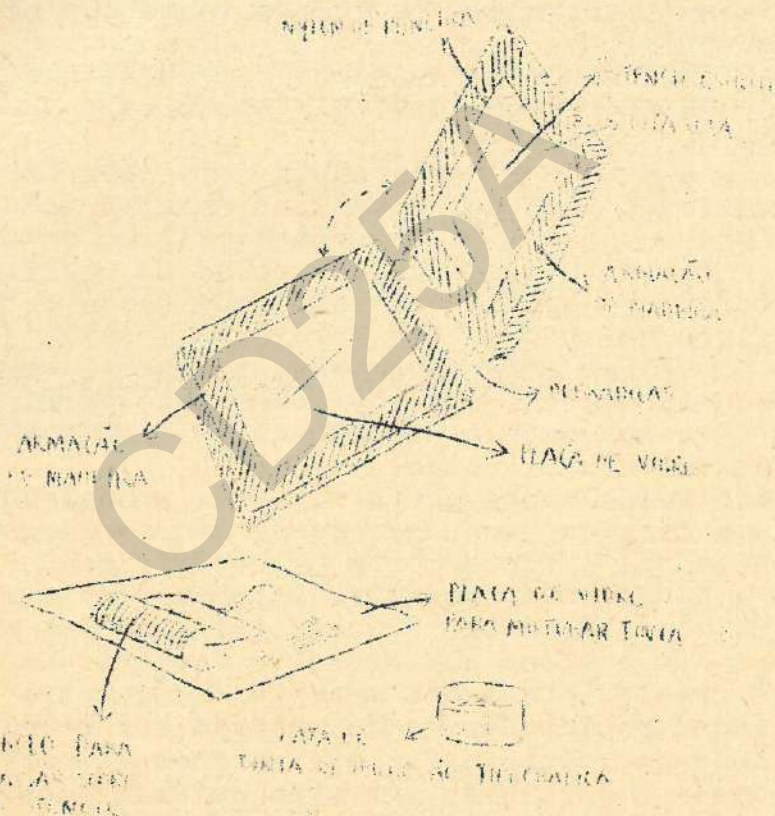
COMO SE TRABALHA COM O COPIOGRAFO

- 1- Compra-se um "stencil"--todas as papelarias os vendem.
- 2- Esse "stencil" tem de ser escrito á máquina com o branco das letras (quer dizer, sem nenhuma cor).
- 3- Quando se tem o "stencil" dentro do copiografo (que se pode fechar, por causa da dobradiça).
- 4- Nessa altura, com o copiografo fechado põe-se a tinta de imprimir na rede de nylon. Passa-se por cima, com o rolo de gelatina, para espalhar bem a tinta.

5- Abre-se o copiografo. O texto ficou impresso no vidro. Podemos ver se ha alguma imperfeição, ou se e preciso por mais tinta.

6- Limpa-se o vidro. Nessa altura, o "stencil" por causa da tinta, está colado á rede de nylon da armação.

7- Põe-se a tinta sobre, uma placa de vidro, e espalha-se com o rolo. Esta operação deve-se repetir sempre que a rede de nylon comece a perder tinta.



8- Mete-se um papel. Fecha-se o copiografo. Passa-se com o rolo, com força.

9- O papel está impresso. Pode-se retirar. Quando o papel está impresso, deve ser posto dentro de jornais, para secar mais depressa.

B IMPRESSÃO DE CARTAZES E VINHETAS:

1--Armação de madeira mais sêda para serigrafia (nylon de peneira).

2- Escrever o texto do tamanho desejado numa folha de papel; por transparência, fazer o mesmo desenho sobre a sêda com um lapis que não seja duro (3b).

3- Preencher as letras com "drawing", líquido que forma uma película plástica ao secar; deixar secar bem.

4- Estender com a ajuda duma espátula uma película fina de "verniz de enchimento" sobre toda a superfície da armação; deixar secar bem.

5- Com a ajuda de uma rolha de cortiça, esfregar os sítios onde se tinha pôsto o "drawing gum"; o plástico enrola-se e sai.

Ficam então duas partes sobre a armação:

- o fundo, que está obstruído pelo verniz;
- o texto, cujo o desenho está livre desde que se tirou o plástico.

Não falta senão pôr, á volta da armação, de lado, uma fita de papel gomado de 5cm. de largura, evita que a tinta corra pelas frinças.

6- Pode-se imprimir. É preciso diluir a tinta de serigrafia com petróleo especial, mas nunca com acetona que dissolve o verniz da sêda. É preciso obter uma matéria fluida para uma secagem rápida. Depois da secagem ter terminado, pode-se voltar a utilizar a armação para outro desenho, depois de ter sido cuidadosamente lavada com acetona ou lexívia. Se a impressão se interromper, mesmo que seja por meia hora, é preciso limpar a armação com petróleo especial para que a tinta não entupa a rede de nylon.

NUMEROS SEGUINTEs :

- Publicação de "O Soldado", 2ª peça do "Teatro Operário".
- Publicação de peças de um grupo de teatro popular de Grenoble.
- Tradução de textos de teatro de agitação operária na Alemanha nos anos 20.
- Inclusão de alguns textos (c/ explicação, do Teatro Arena de S. Paulo (Brazil), etc... etc...

ENTRA EM CONTACTO COM O "TEATRO OPERARIO"

ENVIA-NOS CRITICAS, COMENTARIOS, PEÇAS DE
TEATRO, COLABORAÇÃO GERAL SOBRE TODAS
AS FORMAS ARTISTICAS.

ESCREVE PARA:

FRANÇOIS TUSQUE

1, VILLA ARMAND

PARIS 75018

ASSINA ESTA REVISTA 5 NUMEROS - 10 Francos

ENVIA O CHEQUE CORRESPONDENTE PARA A MESMA
MORADA.

2 Francos

Impr. Esp. " T. O. "

